

Roberto Campos: inflação pode cair sem choques

Passados 27 anos, Roberto Campos é hoje deputado federal pelo PDS do Rio de Janeiro e concorda que, finalmente, a inflação tem chances de cair sem choques, exatamente como no seu tempo. Mas Campos faz ressalvas importantes. Agora, além da política de juros altos, o Governo conta com mais recursos aprovados no âmbito da reforma fiscal. Além disso, deve manter o processo de privatizações e abertura da economia, frisa.

— A queda da inflação no ano que vem dependerá muito da resistência do Governo federal às pressões de ganância. Afinal, estaremos num ano de eleições municipais — argumenta.

A maior vantagem do Paeg sobre o programa de Marcílio, na ótica do ex-ministro, é que os economistas daquela época não corriam o risco de se converter em heterodoxos de plantão. Hoje, a população já está calejada de tantos planos heterodoxos, inclusive confisco de dinheiro e congelamentos, lembra.

Mesmo ao comentar a recessão imposta aos brasileiros nos primeiros anos do Paeg, Campos se defende:

— Houve, de fato, uma crise industrial mas, tecnicamente, não houve recessão porque o PIB cresceu 3% em 1965. Em suma, não foi nem de longe parecido com a recessão do ministro

Delfim, entre 1981 e 1983 e a de fins de 1990.

Comparações de políticas econômicas à parte, é evidente que o período 1964/1992 separa dois Brasis muito diferentes. No início do Governo militar, “a dívida externa que asfixiava o país” — segundo publicações da época — era de US\$ 3,8 bilhões. Hoje, ela está em torno de US\$ 125 bilhões, grande parte contraída justamente durante o regime militar para erguer projetos faraônicos como a hidrelétrica de Itaipu, a Transamazônica, Ferrovia do Aço e as usinas nucleares de Angra dos Reis. Em 1964, a população brasileira era de 78 milhões de habitantes. Hoje chega

a 150 milhões. O PIB, que chegou a crescer 14% em 1973, fechou 1990 com uma queda de 4%.

E o próprio Campos reavalia os erros que os governos militares cometeram no passado e que acabaram levando o país para o fundo do poço de onde agora, finalmente, pretende sair:

— O programa de ajustes deu certo até 1973, no primeiro choque de petróleo, quando o país mudou o modelo para substituição de importações e maciços investimentos governamentais, com estatização e obras como o programa nuclear, a Ferrovia do Aço e o programa petroquímico. Este modelo coincidiu com as distorções de uma inflação em

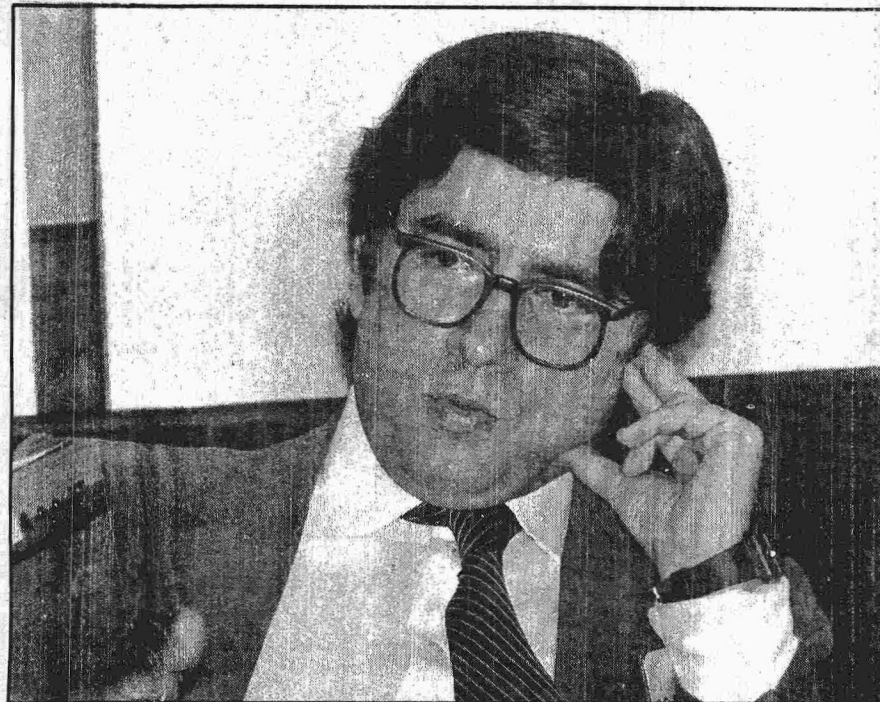
alta e de uma opção pelo endividamento externo. O crescimento já não era mais auto-sustentado. Na segunda crise do petróleo, em 1979, com a saída do Simonsen e a entrada de Delfim Netto no Planejamento, continuou-se a pregar o crescimento e, no começo dos anos 80, veio a recessão. Em 1984, já no fim do Governo militar, o País cometeu erros como o da lei de informática. E daí, seguiu-se o Plano Cruzado em 1986 e a moratória em 1987. Em 1988 fez-se uma Constituição fora da realidade e, em 1990, com o Plano Collor, novo fracasso repetido. Este ano, o Plano Collor I. Enfim, uma inflação de erros — finalizou Campos.

3-11-64

5-6-86



Mário Henrique Simonsen, um dos colaboradores do Paeg: salários corrigidos pela inflação futura



Emgruber: pela primeira vez desde o Paeg, inflação cairá antes de um choque